

ANÁFORA ASSOCIATIVA MERONÍMICA E ANÁFORA ASSOCIATIVA POSICIONAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA¹

Rute Rebouças²

rute.reboucas.10@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. A anáfora associativa baseia-se numa relação indireta, de não correferência, manifestada pela inexistência de identidade lexical ou semântica com o antecedente, definindo-se por uma relação de meronímia, de hiponímia, actancial ou posicional, atualizada através de substituições nominais com expressões do mesmo campo lexical ou semântico. Este estudo concentra-se na distinção entre anáforas associativas meronímicas e anáforas associativas posicionais. Com a finalidade de encontrar semelhanças e diferenças entre estes dois tipos de anáforas associativas, foi feita uma recolha de pequenos textos autênticos, de diversos tipos, e uma posterior análise e comparação, tendo em conta a base teórica exposta na parte inicial deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE. Anáfora, Anáfora Associativa Meronímica, Anáfora Associativa Posicional, Relação Indireta, Léxico, Semântica.

ABSTRACT. The associative anaphora is based on an indirect relationship, of non-co-reference, manifested by the inexistence of lexical or semantic identity with the antecedent and defined by a relation of meronymia, hyponymy, actancial or positional, updated through nominal substitutions with expressions of the same lexical or semantic field. This study focuses on the distinction between associative meronymic anaphora and positional associative anaphora. To find similarities and differences between these two types of associative anaphora, a small collection of authentic texts of several types was collected, and a later analysis and comparison was carried out, taking into account the theoretical base exposed in the initial part of this article.

KEY-WORDS. Anaphora, Meronymic Associative Anaphora, Positional Associative Anaphora, Indirect Relationship, Lexicon, Semantics.

1. Introdução

Este trabalho consiste na análise de um subtipo concreto de anáfora – a anáfora (indireta) associativa. No entanto, o objetivo deste estudo é a comparação entre a anáfora

¹ Este trabalho foi realizado no âmbito do seminário de Questões de Linguística de Texto e do Discurso, incluído no plano de estudo do Mestrado em Linguística.

² Estudante do 2.º ano de Mestrado em Linguística.

associativa meronímica e a anáfora associativa posicional, tentando encontrar pontos que aproximam ou distanciam estes tipos de anáforas. De forma a dar resposta às questões de investigação, 1. A anáfora associativa meronímica e a anáfora associativa posicional promovem a progressão textual?, 2. Quais os pontos que aproximam e distanciam a anáfora associativa meronímica e a anáfora associativa posicional?, 3. Será que a anáfora associativa meronímica e a anáfora associativa posicional aceitam qualquer tipo de artigo?, faz-se uma breve abordagem de alguns conceitos importantes para o desenvolvimento deste estudo com base em autores como Marcuschi (2001), Oliveira (1988) e Silva (1999, 2005), tendo como objeto de estudo textos autênticos de diferentes fontes.

Este trabalho está dividido em três secções. A primeira secção apresenta duas subdivisões, nas quais são expostas questões teóricas relacionadas com o conceito geral de anáfora (cf. 2.1) e com a anáfora indireta associativa (cf. 2.2). O ponto 2.2 apresenta ainda outra divisão, com vista a descrever os dois tipos de anáfora associativa a estudar: a anáfora associativa meronímica (cf. 2.2.1) e a anáfora associativa posicional (cf. 2.2.2). De seguida, na segunda secção é apresentada a metodologia usada neste estudo (cf. 3) e, posteriormente, no ponto 4, são expostos e analisados dez textos autênticos retirados de diversas fontes, tais como textos de blogues, anedotas, Wikipédia e passagens de livros. Esta análise é feita tendo em consideração as propriedades e características de cada anáfora, mencionadas no enquadramento teórico (cf. 4.1 e 4.2). Além disto, na secção 4.3, é ainda feita uma outra análise que conta com a verificação da aceitabilidade que as anáforas meronímica e posicional possuem em construções com artigos definidos e indefinidos. Esta última análise conta com o apoio teórico de Ziem (2015) e é acompanhada por uma tabela que ilustra as diferenças e semelhanças entre as anáforas associativas posicional e meronímica e que inclui exemplos ilustrativos. Na última parte deste trabalho são apresentadas algumas considerações finais, baseadas sobretudo na base teórica apresentada e no *corpus* recolhido, e algumas propostas para trabalhos futuros.

2. Enquadramento Teórico

2.1. Anáfora: conceito geral

Silva (1999: 253) define anáfora como uma propriedade das línguas naturais que tem o objetivo de, segundo Oliveira (1988: 1), evitar certas redundâncias e repetições. A anáfora constitui um “fenómeno linguístico estreitamente ligado à dinâmica textual”, caracterizando-se por conter dependência interpretativa de um sintagma. Esse sintagma ocupa uma posição de grupo nominal relativamente ao texto em que ocorre, recrutando um termo como antecedente e retomando esse mesmo antecedente na interpretação do termo dependente (Silva 1999: 253).

De acordo com Silva (1999), devido a esta função, a anáfora contribui para assegurar a progressão textual, estabelecendo coesão e coerência sem repetições ou redundâncias, mantendo o foco na linearidade do texto. Assim, ao manter esse foco, vão-se formando cadeias referenciais cruciais para a progressão referencial, permitindo que o leitor estabeleça “uma relação semântica entre itens lexicais de um texto” (Silva 2008: 267).

Como foi referido inicialmente, há vários tipos de anáforas associativas. Porém, há outros tipos de anáforas. Na Figura 1, pode observar-se a proposta de Lopes & Carapinha (2013), na qual verificamos que o conceito de anáfora se pode dividir em três grandes grupos: anáfora direta (ou correferencial), que, por sua vez, também apresenta ramificações (anáfora pronominal, anáfora zero, anáfora nominal por repetição (ou total) ou por substituição (ou parcial), e anáfora adverbial); (outras) anáforas discursivas, como nominalização resumptiva, pronominalização resumptiva e adverbialização resumptiva; anáfora associativa. Este tipo de anáfora, a anáfora associativa, é, como iremos explicar de seguida (cf. 2.2), um tipo de anáfora indireta ou não correferencial.

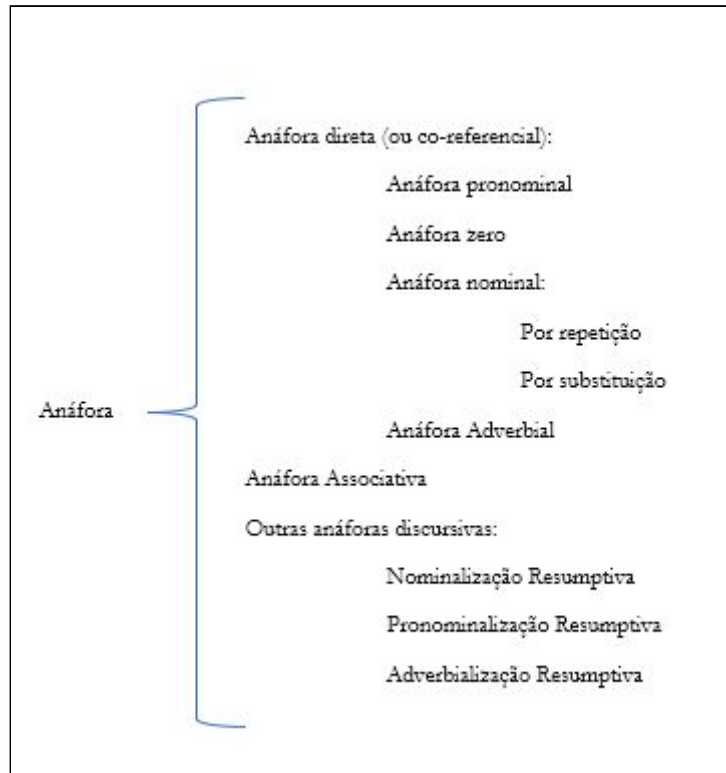


Figura 1. *Tipos de Anáfora* (cf. Lopes & Carapinha (2013)).

2.2. Anáfora Indireta Associativa

A anáfora indireta, ou não correferencial, é tipicamente constituída “por expressões nominais definidas ou por pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente explícito no texto” (Marcuschi 2001: 217). De facto, segundo Marcuschi, na base da anáfora indireta não está uma reativação de referentes já conhecidos, mas sim uma ativação de referentes novos no discurso, “o que constitui um processo de referenciação implícita” (2001: 217). Este tipo de anáfora contribui para o estabelecimento de coesão e coerência textual, uma vez que existe, no processo textual, construção, indução ou ativação de referente, sendo, por isso, considerada pelo autor acima referido (Marcuschi 2001: 219) e por Silva (2005: 125) um caso de referência textual indireta.

Vinculada à anáfora indireta está a anáfora associativa, dado que esta última se baseia numa relação de não correferência manifestada pela inexistência de identidade lexical ou semântica com o antecedente. Assim, é definida, de acordo com Silva (1999: 254), por uma relação de meronímia, de hiponímia, actancial ou posicional, atualizada através de substituições lexicais com expressões do mesmo campo semântico e lexical, determinadas

pelo artigo definido. Silva (2005: 132) apresenta três perspetivas diferentes da definitude e indefinitude da anáfora associativa: a perspetiva léxico-estereotípica, a perspetiva discurso-cognitiva e a perspetiva pragmática-cognitiva. Todas estas perspetivas consideram que a anáfora associativa é, por norma, determinada pelo artigo definido; porém, aceita também a ocorrência de indefinidos, demonstrativos e pronomes de qualquer tipo (ver 4.3).

De facto, este tipo de anáfora constitui um processo referencial no qual há evocação e especificação de um novo referente, que é introduzido no discurso por intermédio de um referente já evocado e especificado que faz parte do discurso (Figura 2). Isto é, os referentes não são iguais, mas apresentam características que os fazem pertencer a um mesmo campo lexical.



Figura 2. *Processo inferencial da anáfora indireta associativa.*

Silva (2005: 233) estabelece uma tipologia das anáforas associativas que se concentra na divisão entre anáforas léxico-semânticas e anáforas léxico-conceptuais. As anáforas léxico-semânticas propiciam a relação anafórica através do recurso ao saber semântico do recetor, ligado ao estabelecimento de grupos paradigmáticos cujos elementos constitutivos estão armazenados no léxico em termos relacionais. Este tipo de anáforas subdivide-se ainda em anáforas meronímicas (ver 2.2.1) e actanciais.

No caso das anáforas léxico-conceptuais, ao contrário das acima explicitadas, uma vinculação ao saber léxico-semântico dos interlocutores não é suficiente, visto que neste caso a relação existente entre os referentes e as entidades linguísticas é menos imediata do que aquela que é ativada nas anáforas de tipo léxico-semântico. Neste tipo de anáforas integram-se as posicionais (ver 2.2.2), uma vez que estas se focam na relação lexical estabelecida na base de modelos cognitivos (Silva, 2005: 235).

2.2.1. Anáfora Associativa Meronímica

A relação de meronímia não deve ser entendida apenas como uma relação entre parte/todo, mas também como uma relação de inclusão. De acordo com Silva (2005: 236), a anáfora meronímica pode apresentar duas formulações, tendo em conta que o significado nuclear, estando ou não armazenado no léxico mental do interlocutor, representa a concetualização de uma relação de inclusão (Figura 3).

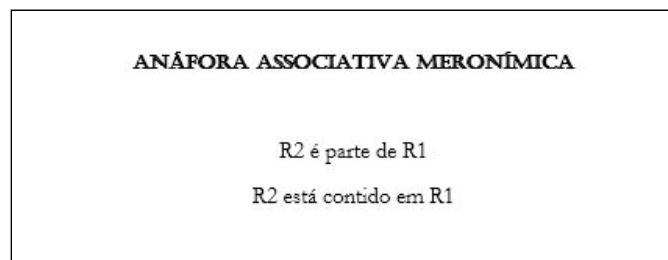


Figura 3. *Formulações da Anáfora Meronímica* (cf. Silva (2005: 236)).

Segue um excerto que exemplifica este tipo de anáfora:

(1) A **flor** é uma estrutura de crescimento determinado que é composta por **folhas** modificadas, quer estrutural quer funcionalmente, com vista à realização das funções de produção dos gâmetas e de proteção dos mesmos, através dos antófilos. O **caule** caracteriza-se por um crescimento indeterminado. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/>)

A Figura 3, construída com base em Silva (2005: 236), mostra que este tipo de anáfora trata de relações de ‘estar incluído em’. Isto é, tomando como exemplo o excerto (1), sabemos, através do que aprendemos ao longo do processo escolar e do nosso conhecimento do mundo, que ‘folhas’ e ‘caule’ estão incluídos em ‘flor’. Assim, voltando uma vez mais a nossa atenção para a Figura 3, R2 ‘caule’ está contido em R1 ‘flor’, tal como R2 ‘folhas’ é parte de R1 ‘flor’.

2.2.2 Anáfora Associativa Posicional

Ao contrário da anáfora associativa meronímica, este tipo de anáfora decorre da atribuição à anáfora de uma posição num determinado modelo cognitivo. A resolução das anáforas associativas posicionais, segundo Silva (2005: 244), implica a ativação de um modelo cognitivo armazenado no conhecimento enciclopédico do recetor, que lhe permite

associar as anáforas presentes no discurso a uma estrutura textual precedente. O exemplo seguinte ilustra este tipo de anáfora (cf. (2)).

(2) Este **restaurante** é um dos lugares mais animados da Baixa nas noites que correm. Mesas comunitárias altas, música a fazer-se ouvir, bons cocktails e um **menu** inspirado nos quatro cantos do mundo. Os **pratos** são para partilhar e há alternativas tão viajadas como a moqueca de corvina e camarão, a picanha com abacaxi grelhado ou os noodles com gambas e shiitake.
(<https://www.timeout.pt/porto/pt/restaurantes/mundo>)

Além disto, Silva (2005: 247) considera que a anáfora associativa posicional apresenta um duplo sentido, visto que promove a interdependência entre o escopo concetual de uma entidade discursiva e as respetivas atualizações lexicais e acentua o valor das unidades léxicas como estruturas que são simultaneamente estáticas e flexíveis.

3. Metodologia

Com base em questões teóricas propostas por Silva (1999, 2005), Marcuschi (2001) e Oliveira (1988), foram recolhidos dezasseis excertos de textos (anedotas, blogues, Wikipédia, livros); porém, são apresentados apenas dez excertos, uma vez que alguns desses excertos se assemelhavam entre si, contendo, por exemplo, a mesma anáfora associativa meronímica.

Após esta recolha, os excertos foram agrupados em dois grupos diferentes, uma vez que o objetivo deste estudo é comparar e analisar semelhanças e diferenças dos dois tipos de anáfora associativa acima explicitados (meronímica e posicional). Com base na proposta de Ziem (2015), é feita ainda outra análise, que consiste na observação da ocorrência e aceitabilidade dos determinantes definidos e indefinidos em construções com estas anáforas.

Nesta análise não foi tido em conta o tipo de género textual, tendo sido, por isso, usados géneros diversos.

4. Exposição e Análise de Dados

4.1. Exemplos: Anáfora Associativa Meronímica

Tendo em conta que a anáfora associativa meronímica estabelece uma relação de inclusão, iremos agora analisar os excertos recolhidos.

(3) O **corpo humano** é constituído por diferentes partes, entre elas, a pele, os músculos, os nervos, os órgãos, os ossos etc. Cada parte do corpo humano é formada por inúmeras **células**

que apresentam formas e funções definidas. Além disso, existem os **tecidos**, órgãos e **sistemas**, os quais funcionam de modo integrado. (<https://www.todamateria.com.br/corpo-humano/>)

(4) Um **livro** não é somente um monte de **folhas** presas pela **capa**. Ele possui partes, mais ou menos constantes em todos os títulos. A **capa** e o **miolo** são os dois grandes segmentos que compõem um livro, mas cada um deles possui partes específicas e complexas em sua elaboração. (<https://santabiblioteconomia.com/tag/estrutura-do-livro/>)

(5) Os **pinheiros** são plantas perenes e também produzem resinosos. A **casca** da maioria dos pinheiros é grossa e escamosa. Os **brotos** (ou **rebentos**) são produzidos em inflorescências regulares, que de facto são uma espiral apertada aparentando um anel de brotos que surgem do mesmo ponto. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pinheiro>)

(6) **Casa** sede da Estância Jangada, localizada à margem da parte mais larga da Represa Jurumirim, numa área de aproximadamente 2 alqueires. A casa com 1.000m² construídos está situada no meio de bosque ajardinado, com vasto gramado em volta dela até a praia de areia. A **casa**, arejada e com muito conforto, tem amplos **cômodos** mobiliados em alto padrão, e acomoda confortavelmente 24 pessoas com suas 5 **suítes**, 1 "suíte americana" e 1 **quarto** solteiro duplo. Todos os **quartos** com ar condicionado.

Amplas **salas** com 2 lareiras, uma **varanda** dando frente para a Represa e outra para a piscina. **Sala jogos**, **cozinha** muito bem equipada e com fogão e coifa industrial, **sala jantar** interna e outra externa na varanda da piscina, onde está localizada a **churrasqueira**. (<http://estanciajangada.com.br/descricao-da-casa/>)

(7) Todos os **pneumáticos YAM** possuem um sistema de ar inteligente incorporado nos flutuadores do **casco**. Isto não só ajuda a manter as **câmaras individuais** completamente seladas para uma maior segurança, mas também ajuda a manter e equilibrar a pressão do ar ao longo dos flutuadores. Entre outras coisas, isto permite também que o **barco** absorva impactos ligeiros sem grandes problemas. Para além de características de segurança como **pegas** resistentes, **fixadores de assento**, **argolas em D**, **olhais de suspensão** e outros acessórios, o conforto é também uma prioridade.

(<https://www.nauticapress.com/barcos-yam-270ta-e-310taf-com-casco-em-aluminio/>)

Os exemplos (3) a (7) retratam, de facto, uma relação de inclusão, na qual existem partes específicas integrantes de um todo. Os excertos acima enquadram-se na formulação proposta por Silva (2005: 236), uma vez que, e tomando como exemplo o excerto (3), é

possível verificar que as “células” e os “tecidos” são partes integrantes do *corpo humano*. O mesmo acontece quando estamos perante a constituição de um *livro* (cf. (4)) ou as partes constitutivas de uma *casa* (cf. (5)), de um *barco* (cf. (7)) ou até mesmo de uma árvore, neste caso de um *pinheiro* (cf. (6)), que, *a priori*, já são conhecidas pelo recetor.

Na verdade, podemos ainda formular que “Num Y, há um X”, de acordo com Silva (2005: 237), visto que, por norma, em cada *livro* (ver exemplo (4)) existe uma “capa”, em cada *casa* (cf. (6)) há um “quarto”, cada *pinheiro* tem “rebentos” (exemplo (3)), em cada *barco* temos o “casco” (7) e, como é conhecido, cada *corpo humano* compreende “células” e “tecidos” na sua constituição. É de salientar que esta relação de inclusão, em que se baseia a anáfora em estudo, faz parte do conhecimento interiorizado dos falantes e que estes a recuperam imediatamente ao nível do discurso, tendo em consideração o contexto e a estrutura textual em que ocorre.

4.2. Exemplos: Anáfora Associativa Posicional

Uma vez que a anáfora associativa posicional decorre da atribuição à anáfora associativa de uma posição num determinado modelo cognitivo, não estando somente relacionada com a relação de todo/parte, são expostos de seguida exemplos que configuram esse tipo de anáfora.

(8) No **cinema** estamos mais acostumados a ver filmes, mas a UCI quer pôr-nos a ver futebol durante o Mundial da Rússia. Os jogos de Portugal vão passar em **ecrã gigante** nas **salas** do El Corte Inglés (Lisboa), no DolceVita Tejo (Amadora) e no Arrábida Shopping (Gaia). Os **bilhetes** para assistir aos jogos da Seleção Nacional custam seis euros e incluem ainda **pipocas** médias e uma **bebida** de 50 cl. Para comprar os **bilhetes** pode fazê-lo no site dos cinemas UCI ou então nas **bilheteiras** dos cinemas. (<https://trendy.pt/2018/06/cinema-uci-portugal/>; 15-06-2018)

(9) Numa **feira**, o **anfitrião** aborda um **convidado**: - Aquela senhora que está cantando ao lado do pianista é minha mulher! - Como? - Aquela senhora que está cantando ao lado do pianista é minha mulher! - O quê? - Aquela senhora que está cantando é minha mulher! - Fala mais alto que tem uma velha cantando! (<https://www.anedotas.rir.com.pt/anedota654.htm>)

(10) Há sítios onde apetece levar os amigos, e o Brick Clérigos, um dos mais bonitos **restaurantes** da cidade, é um deles. E a magnífica mesa comunitária no centro da sala é a desculpa perfeita para juntar a malta toda num **almoço** ou **jantar** de comemoração. A **carta** é

simples, prática e, mais importante, saborosa. **Pratos** como a tosta de frango assado e espargos, a de abacate e camarão, a sanduíche de bochecha de porco, o wrap de cogumelos e a salada de queijo de cabra com nozes são algumas das alternativas mais populares. Se vir um bolo de cenoura com recheio de queijo creme pousado no balcão, fixe-o. E coma-o à **sobremesa**. (<https://www.timeout.pt/porto/pt/restaurantes/as-melhores-mesas-comunitarias-no-porto>)

(11) O homem está a jantar num **restaurante**, mas a comida é tão má que ele não aguenta: - **Garçon**, por favor, eu não consigo comer esta comida. Chame-me o **gerente**. - Não adianta. Ele também não vai conseguir comer. (<https://www.anedotas.rir.com.pt/anedota658.htm>)

(12) Lembro-me da **esplanada** em que me sentei, com o calor a subir das pedras e do alcatrão, **clientes** banais, o **criado** a trazer as **encomendas** de má vontade. (“Verão” de Nuno Júdice in *A Ideia do Amor e Outros Contos*)

Os exemplos acima apresentados permitem explicitar o funcionamento deste tipo de anáfora, dado que as anáforas associativas posicionais são definidas como posições num determinado modelo cognitivo com uma certa função. Essa posição relaciona-se com outras posições do esquema e é ativada em função da sua finalidade, apresentando nós de ligação com outras posições em esquemas distintos. No exemplo (8), as anáforas associativas “bilhetes”, “bilheteiras”, “salas”, “pipocas”, “bebidas” encontram o antecedente no escopo concetual da expressão *cinema*, sendo a partir desta ligação que se produz a resolução da anáfora. Já no exemplo (9), as anáforas “anfitrião” e “convidado” têm como ponto de referência a expressão *festa*. Os exemplos de (10) a (12) retratam mundos idênticos, estando associados às expressões *restaurante* e *esplanada* anáforas associativas do tipo “almoço”, “jantar”, “pratos” / “encomendas”, “gerente”, “garçon” / “criado” e “clientes”.

Efetivamente, nestes exemplos, conforme Silva (2005: 246), as anáforas associativas que se vão sucedendo ao longo do texto funcionam como posições que se ligam de forma indireta por via de uma rede superordenada de várias etapas que se sucedem para a representação do evento completo. Podemos ainda afirmar que estas expressões anafóricas, que se caracterizam por serem anáforas posicionais, pertencem a um mesmo campo lexical, uma vez que este, segundo Cunha & Cintra (2014: 106), engloba um conjunto de palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio concetual. De facto, quando estamos perante textos do tipo dos exemplos de (8) a (12), o recetor dispõe de um

conjunto de unidades léxicas que lhe permitem transpor o modelo cognitivo de conhecimento enciclopédico para o domínio textual (Silva 2005: 247).

4.3. Outra análise comparativa entre Anáfora Associativa Meronímica e Anáfora Associativa Posicional

Segundo Ziem (2015: 97), existem ainda três tipos de anáfora, se considerarmos a definitude: anáfora associativa direta definida, anáfora associativa direta indefinida e anáfora associativa indireta. Com base neste autor, apresentamos de seguida uma tabela (Tabela 1), na qual são expostos exemplos caracterizadores destes tipos de anáforas associativas.

Tipo de Anáfora Associativa		Propriedades Referenciais	Exemplos ³
Anáfora Associativa Direta	Definida	Relacional, referência única de antecedente nominal	A Maria está a ler o livro que a tia lhe ofereceu. A sua capa é florida.
	Indefinida	Relacional, referência não única de antecedente nominal	A Maria caminhou até ao seu carro . Ela viu um pneu furado.
Anáfora Associativa Indireta	Com antecedente nominal	Relacional, referência indireta única.	O empregado deslocou-se até à mesa , mas voltou para trás. Tinha-se esquecido da ementa .
	Com antecedente verbal		A Maria partia para Lisboa hoje. O avião atrasou-se de novo.

Tabela 1. Tipos de Anáfora Associativa (Ziem 2015).

Na verdade, como é possível verificar, a proposta de Ziem (2015) aproxima-se da proposta de Silva (2005), dado que podemos associar a anáfora associativa direta (segundo Ziem 2015) à anáfora associativa meronímica (proposta de Silva 2005) e a anáfora associativa indireta (Ziem 2015) à anáfora associativa posicional (de acordo com Silva 2005), tendo em conta as características de cada uma. Isto é, a anáfora associativa direta liga-se a uma relação de inclusão (propriedade da anáfora associativa meronímica), na qual existe uma parte (capa/ pneu) contida num todo (livro/ carro). Por oposição, a anáfora associativa indireta relaciona-se com vocábulos pertencentes ao mesmo campo lexical (empregado,

³Adaptados de Ziem (2015: 97).

mesa, ementa – restaurante), mas estes apenas são associados devido ao conhecimento enciclopédico determinado por um domínio cognitivo, aproximando-se, deste modo, à anáfora associativa posicional.

Os exemplos apresentados em 4.1 e em 4.2 mostram que a anáfora associativa posicional se aproxima da anáfora associativa meronímica; porém, como vimos anteriormente, estas diferenciam-se no facto de a segunda se basear numa relação de inclusão e a primeira se focar na posição da anáfora num certo modelo cognitivo. Diferenciam-se também no que diz respeito à determinação das mesmas, ou seja, a anáfora associativa meronímica aceita o artigo definido ou o artigo indefinido, conforme as situações (cf. (13) a (16)); todavia, o mesmo não acontece com a anáfora associativa posicional (cf. (17) a (20)). Os exemplos (13) a (16) ilustram casos de anáfora associativa meronímica e os exemplos (17) a (20) ilustram casos de anáfora associativa posicional.

- (13) a. A Maria comprou **o livro** que a amiga lhe indicou. **A folha** inicial estava rasgada.
b. A Maria comprou **o livro** que a amiga lhe indicou. **Uma folha** estava rasgada.
- (14) a. O Rui sofreu um acidente de **carro**. **O pneu** esquerdo foi o único que resistiu à colisão.
b. O Rui sofreu um acidente de **carro**. Apenas **um pneu** ficou intacto.
- (15) a. A **casa** da minha avó está à venda. **O telhado** ainda está em ótimas condições.
b. A **casa** da minha avó está à venda. **Um telhado** ainda está em ótimas condições.
c. A **casa** da minha avó está à venda. **O quarto** do primeiro andar tem casa de banho.
d. A **casa** da minha avó está à venda. **Um quarto** tem casa de banho.
- (16) a. O **barco** já não é usado há duas semanas. **O casco** pode não assegurar uma viagem tranquila.
b. O **barco** já não é usado há duas semanas. **Um casco** pode não assegurar uma viagem tranquila.
- (17) a. O **restaurante** onde habitualmente janto fica junto à faculdade. **A carta** apresenta diversas escolhas. **O empregado** é gentil.

- b. O **restaurante** onde habitualmente janto fica junto à faculdade. ??/***Uma carta** apresenta diversas escolhas. **Um empregado** é gentil⁴.
- (18) a. O **cinema** daqui da zona tem **filmes** muito bons. **Os bilhetes** não são caros.
b. O **cinema** daqui da zona tem **filmes** muito bons. ??/***Uns bilhetes** não são caros.
- (19) a. A **festa** daqui do bairro tem início hoje às 20h. **O anfitrião** é o Presidente da Junta de Freguesia.
b. A **festa** daqui do bairro tem início hoje às 20h. ??/* **Um anfitrião** é o Presidente da Junta de Freguesia.
- (20) a. Não tinha sombra na **esplanada do restaurante**. **Os clientes** eram poucos.
b. Não tinha sombra na **esplanada do restaurante**. ??/* **Uns clientes** eram poucos.
c. Não tinha sombra na **esplanada do restaurante**. **Os clientes** eram estrangeiros.
d. Não tinha sombra na **esplanada do restaurante**. **Uns clientes** eram estrangeiros⁵.

É de destacar que, quando a anáfora meronímica é antecedida de artigo indefinido, a expressão deixa de ser referencial; pelo contrário, quando é antecedida de artigo definido, passa a nomear objetos sem determinação específica ou então estabelece uma relação partitiva. O conjunto de frases em (14) mostra que, no primeiro caso, (14a), “pneu” é uma entidade concreta e conhecida pelo recetor, uma vez que é antecedido de artigo definido; já em (14b), como o nome “pneu” é precedido de artigo indefinido, o recetor sabe apenas que foi um “pneu” (parte constitutiva de “carro”), dado que o artigo indefinido retira especificidade ao nome. Estas anáforas aceitam, em contextos específicos, ambos os artigos; todavia, a anáfora associativa meronímica aceita mais facilmente o artigo indefinido do que a anáfora associativa posicional. É de sublinhar que não podemos generalizar a todos os casos e afirmar que a anáfora meronímica aceita ambos os artigos sem restrição, uma vez que existem contextos que o contradizem (cf. (15b) e (16b)). O mesmo pode ser dito quanto à anáfora associativa posicional, isto é, mesmo que esta aceite de forma mais fácil o artigo definido, não é possível descartar as ocorrências com o indefinido (cf. (17a) e (20d)).

⁴ Ao contrário da frase “Uma carta apresenta várias escolhas”, que é agramatical, a frase “Um empregado é gentil” é gramatical, desde que exista mais do que um empregado no restaurante.

⁵ Considerando que existem mais clientes além dos que são designados como estrangeiros.

A anáfora associativa posicional e a anáfora associativa meronímica, ao pertencerem a domínios distintos, distanciam-se na relação que estabelecem entre as expressões referenciais. No entanto, as anáforas aqui estudadas aproximam-se na seleção de conceitos, pois todos os vocábulos que surgem fazem parte do mesmo campo lexical introduzido pelo referente principal. Estas expressões a ser selecionadas são ativadas mais facilmente quando estamos perante a anáfora meronímica, porque existe, de facto, uma relação na qual está explícito o todo que tem na sua constituição as partes integrantes. Todavia, no caso da anáfora associativa posicional, a relação existente é cognitiva, dado que o falante, quando ativa um determinado referente central, dispõe de unidades lexicais específicas e distintas para progredir no discurso, desencadeando redes lexicais. Essa relação baseia-se no conhecimento enciclopédico de cada recetor e associa-se ao campo lexical de que cada conceito faz parte.

De modo a que a comparação entre a anáfora associativa meronímica e a anáfora posicional seja clara, apresentamos a seguinte tabela:

		Domínio	Relação	Ocorrência Com Artigos	Campo
Anáforas Associativas	Anáfora Meronímica	Léxico-Semântico	Inclusão (todo/parte)	Definidos e Indefinidos (Conforme o contexto)	Lexical e Semântico
	Anáfora Posicional	Léxico-Concetual	Cognição (conhecimento enciclopédico cognitivo)	Definidos e Indefinidos (Conforme o contexto)	Lexical

Tabela 2. Anáfora Meronímica e Anáfora Posicional.

Para concluir, é de salientar que estes dois tipos de anáfora têm uma mesma raiz, além da não correferência. Essa raiz é de caráter lexical, dado que ambas comportam expressões nominais associadas a um grupo de vocábulos pré-existentes e conhecidos pelos recetores.

5. Considerações Finais

O objetivo principal deste estudo consistiu em comparar dois tipos de anáfora associativa que não pertencem ao mesmo domínio anafórico: a anáfora associativa meronímica e a anáfora associativa posicional. Estes dois tipos de anáfora permitem uma ativação de referentes novos no discurso, contribuindo para o estabelecimento de redes anafóricas, e, conseqüentemente, para a progressão textual coesa e coerente. Todavia, como mencionado e exposto ao longo do trabalho, estes tipos de anáfora diferenciam-se pelo facto de a anáfora meronímica apresentar, ao contrário da anáfora posicional, uma relação de inclusão em que existem diferentes partes que formam um todo (o referente principal ao longo do percurso textual). No caso da anáfora associativa posicional, o referente principal ativa mais dificilmente uma série de vocábulos que integram o mesmo campo lexical, conhecidos *a priori*, uma vez que fazem parte do conhecimento enciclopédico cognitivo de cada recetor.

Quanto à aceitabilidade por parte das anáforas meronímicas e posicionais em construções com artigos definidos e indefinidos, verificou-se que as primeiras aceitam o artigo definido mais facilmente do que o artigo indefinido, dado que, quando este tipo de anáfora surge antecedido de artigo indefinido, em contextos em particular, a frase torna-se agramatical. Quando esta aceita construções com artigo indefinido, a leitura específica passa a não específica, sendo, também, desencadeada uma leitura partitiva. A anáfora posicional não aceita construções com artigo indefinido, devido ao tipo de domínio a que pertence e ao facto de em cada contexto concetual existirem somente entidades específicas; porém, pode aceitar, em raras situações, o indefinido, tal como foi possível observar na análise de dados.

Contudo, apesar das diferenças acima mencionadas, as anáforas aqui estudadas, ao serem utilizadas no discurso, selecionam vocábulos do mesmo campo lexical e, por este motivo, aproximam-se e podem, muitas vezes, ser confundidas, caso o recetor não conheça as características de cada uma.

Por fim, é importante salientar que os textos selecionados reportam mundos específicos, nos quais é visível a relação entre a entidade referencial principal e as restantes que são escolhidas por essa entidade referencial principal. O tipo de anáfora meronímica é mais utilizado em discurso escrito do que a anáfora posicional, uma vez que o primeiro estabelece uma relação de inclusão (parte/todo) e a segunda prende-se com o conhecimento

conceitual do recetor, estando presente em construções específicas de explicitação de algo. Nos exemplos apresentados, a anáfora posicional estava presente na referência a atividades como o cinema ou a restauração. É possível afirmar que as anáforas associativas posicionais estabelecem também uma relação em que os conceitos selecionados fazem parte do conceito mais geral e, por isso, poderemos inferir que se aproxima da anáfora meronímica.

Em estudos futuros, seria interessante analisar estas construções em géneros textuais específicos, tentando analisar as situações nas quais este tipo de anáforas pode ocorrer, dado que, neste estudo, não foi tido em consideração o género textual. Além disso, é de referir a possibilidade futura de comparar as anáforas associativas no seu todo, agregando às já estudadas a anáfora actancial, tendo em consideração que a anáfora meronímica e a anáfora actancial fazem parte do mesmo domínio (léxico-semântico) e a anáfora posicional se insere no domínio léxico-conceitual, por recrutar o conhecimento cognitivo do recetor.

REFERÊNCIAS

- Cunha, C.; Cintra, L. 2014. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 21.^a edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Marcuschi, L. 2001. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*. 56: 217-258.
- Martins, M. C. 2001. *Anáfora Associativa – Algumas Questões*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Oliveira, F. 1988. *Relações Anafóricas: Algumas Questões*. Porto: FLUP.
- Silva, A. da. 2008. A leitura e o processamento da anáfora conceitual. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*. 8(2): 265-287.
- Silva, F. 1999. A dimensão cognitiva na anáfora associativa: um exemplo. *Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva*. Porto: FLUP: 253-268.
- Silva, F. 2005. *Contributos para a Descrição da Anáfora Associativa em Português Europeu*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ziem, A. 2015. FrameNet, Barsalou Frames and the Case of Associative Anaphora. In Gamerschlag, T., Gerland, D., Osswald, R. & Petersen, W. (Eds.). *Meaning, Frames*

and Conceptual Representation. Düsseldorf: dup.
<http://dup.oa.hhu.de/517/2/buch.pdf>: 93-112.